

Vidros, ossos e metais da intervenção arqueológica na Biblioteca Municipal de Mértola (Portugal)

Maria de Fátima Palma
Campo Arqueológico de Mértola

Lígia Rafael
Câmara Municipal de Mértola

RESUMO:

A intervenção realizada na área de expansão da Biblioteca Municipal de Mértola (2005/2006), pelo Campo Arqueológico de Mértola, aportou novos dados para a história local. Para além de uma série de contextos arqueológicos que vão desde a Idade do Ferro até ao Período Moderno, a quantidade de espólio exumado foi significativa. Visto que a cerâmica, o material que

apareceu em maior quantidade, foi já objeto de estudo noutros congressos, achamos pertinente apresentar a análise dos vidros, ossos e metais das diferentes fases de ocupação deste sítio. Trata-se de uma grande quantidade de materiais de suma importância e que muitas vezes ficam relegados para segundo plano.

SUMMARY:

The intervention conducted by Campo Arqueológico de Mértola in the area of expansion of the Library of Mértola (2005/2006) has brought new data for the study of local history. In addition to a series of archaeological contexts ranging from the Iron Age to the Modern Period, the amount of excavated spoil was significant. Since the

ceramics, the material that appeared in greater quantities, has been the object of study in other congresses, we consider it pertinent to present an analysis of glass, bone and metals from the different phases of occupation of this site. This is a large amount of materials of great importance, which are often neglected."

1. LOCALIZAÇÃO

Mértola situa-se no Sul de Portugal, no Baixo Alentejo, perto da fronteira territorial com Espanha, numa zona em que o Rio Guadiana deixa de ser navegável devido à geografia do terreno e onde todas as ligações fluviais aqui enlaçavam com as rotas terrestres (fig. 1). Por este percurso fluvial, chegaram as rotas comerciais do Mediterrâneo, mas Mértola era também o extremo de vários itinerários terrestres que a ligavam à rica região cerealífera de Beja e às localidades mineiras de Aljustrel e São Domingos. Mértola tornou-se assim, desde

tempos mais antigos no último porto fluvial do Ocidente do Mediterrâneo, chegando até aqui abundantes influências e mercadorias vindas de várias partes do Mediterrâneo Central e Oriental.

A área de escavação da Biblioteca Municipal de Mértola situa-se dentro do espaço amuralhado de época Medieval, junto a uma das portas de entrada da cidade (Porta de Beja) que perdura desde esta época (fig. 2 e 3).

2. TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS REALIZADOS

Desde o ano de 2003, o Campo Arqueológico de Mértola executou, a pedido da Câmara Municipal de Mértola, diversos trabalhos arqueológicos na área de expansão da Biblioteca Municipal como medida preventiva das obras de ampliação da mesma. Nesse mesmo ano, foi realizada uma sondagem arqueológica na qual foram detetadas, aproximadamente a 2,5 m de profundidade, algumas estruturas de uma olaria datada entre o fim do período medieval e o início da época moderna, com alguns materiais cerâmicos associados à última combustão do forno. A descoberta destas estruturas não indiciava o potencial arqueológico de toda a área que iria ser intervencionada nos anos a seguir, aquando do início das obras.

No Verão de 2005 iniciou-se a intervenção arqueológica em área, já em fase de obra, com o fim de minimizar os impactos dos trabalhos de construção sobre as estruturas arqueológicas. No decorrer da escavação, para além do forno cerâmico Medieval/Moderno detetado no ano anterior, apareceu nas cotas mais elevadas, um enterramento isolado, datado da Baixa Idade Média, o qual está relacionado com os

enterramentos desta época encontrados na zona envolvente da Mesquita/Igreja Matriz de Mértola e da Alcáçova. Sob estas camadas encontrou-se uma série de contextos habitacionais e oficinais de época almóada. Para além destes estratos arqueológicos, foram escavados níveis tardo-romanos, e importantes estratos do período Romano–Republicano e da Idade do Ferro. Destaca-se pela sua monumentalidade e primordial aparecimento, um troço de muralha, datada de Época Romana Republicana (século II a.C.), bem como o seu torreão que se encontra em razoável estado de conservação. Os trabalhos continuaram no verão de 2006, e durante esta última campanha foi posto a descoberto um outro troço de muralha, esta datada da Idade do Ferro.

Todo este espaço urbano, limitado pela construção das fortificações da cidade e pela diversa e intensa ocupação ao longo dos séculos atesta a continuidade num espaço que tem uma longa ocupação civilizacional e temporal dentro do aglomerado urbano da vila velha de Mértola (fig. 4).

3. NÍVEIS ISLÂMICOS

O espaço intervencionado estruturava-se em dois patamares com uma diferença de três metros de altura entre eles, os níveis islâmicos encontram-se nos dois, com maior incidência habitacional no patamar superior. Sob o enterramento isolado, datado da Baixa Idade Média, o qual está relacionado com a necrópole desta época, que se estende na zona envolvente da Mesquita/

Igreja Matriz de Mértola e Alcáçova, encontrou-se, tal como tinha ocorrido nas escavações da Alcáçova, uma série de contextos habitacionais de época almóada. Estes contextos fariam parte integrante do bairro habitacional da Alcáçova, sendo aqui, provavelmente, o seu *terminus* este. Foram escavadas duas casas incompletas, devido às condicionantes impostas pela

obra. Assim, as habitações encontravam-se separadas apenas por uma estreita rua de terra batida de 0,90 cm de largura, possivelmente um adarve (pequena rua privada/sem saída), “pertencente a um mesmo clã familiar” (TORRES;1999).

A primeira habitação encontrava-se encostada/adossada à Muralha Medieval islâmica, servindo-se dela como muro. Nesta habitação 1 escavou-se apenas um compartimento, aproximadamente com 1,72 m de comprimento por 1,92 m de largura, que teria sido utilizado sucessivamente como espaço de trabalho pois nele encontrou-se uma pequena forja, com estrutura cruciforme, construída em pedra, as quais apresentam marcas de fogo, bastantes cinzas, pequenos fragmentos cerâmicos e telhas, para além de uma zona de pavimento com ladrilhos. É de salientar que, sobre o resto do espaço situado a poente, assenta a muralha medieval da vila, impossibilitando a compreensão total do compartimento (fig. 5 e 6). Após a escavação da estrutura cruciforme, detetou-se uma pequena lareira, bem delimitada por pedras, com bastantes cinzas, pequenos fragmentos de telhas, escórias de ferro e, ao lado, uma zona de depósito de cinzas, que interpretamos como local de trabalho - uma pequena oficina com uma pequena forja (fig.7). Isto porque, sob esta lareira, encontramos uma outra também delimitada por seixos de rio, telhas e contendo bastantes escórias de ferro (fig.8). Por sua vez, detectou-se, ao lado desta, um “esponjeiro”, local para derregar a cal e fazer argamassa a partir desta (fig. 9). Estamos assim, perante uma ocupação sucessiva do espaço como local de trabalho doméstico, o qual esteve sempre ligado à transformação do ferro, o que indica que, provavelmente, existiria aqui uma pequena forja familiar, antecedida de uma zona de manuseio e fabrico de argamassa de cal. Este espaço foi sofrendo diversas alterações ao longo do período islâmico, de acordo com as necessidades dos seus habitantes.

No mesmo nível, encontrou-se a habitação 2 (com

uma área escavada com comprimento total de 2,75 m por 2,15 de largura) também ela do período almóada, com os seus espaços bem delimitados: a cozinha, único espaço completamente escavado, com piso em lajes de xisto e mós reutilizadas como material de construção, salão e pátio com piso em terra batida, e um outro pequeno compartimento.

Os muros das habitações 1 e 2 são em alvenaria até uma altura de 0,50 m, construídos com blocos de pedras unidos com terra, sobre os quais se erguia o resto da casa, construída em taipa, tal como sucede nas casas da Alcáçova (fig.12). Devido às limitações impostas pela obra, não nos foi possível conhecer a área total da habitação. Os níveis de abandono desta vivenda forneceram bastantes fragmentos cerâmicos, desvendando novas formas ainda não conhecidas em Mértola.

É ainda relevante, o aparecimento sob a cozinha da habitação 2 (almóada) de uma fossa séptica, cortada na sua parte superior, possivelmente de época califal, o que nos indica que esta zona terá tido uma ocupação constante ao longo do Período Islâmico e que as obras de construção de época almóada arrasaram os níveis estratigráficos anteriores.

No patamar inferior, detectámos dois compartimentos de época almóada, os quais cortam e assentam sobre a muralha Romano-Republicana e da Idade do Ferro. Não detectámos nenhuma ligação entre o patamar superior e o patamar inferior, no entanto, tal como na habitação 1 do patamar superior, este seria também um espaço de trabalho, visto que existia uma grande quantidade de cinzas, carvões, barro e cerâmica fragmentada (fig. 10 e 11).

Esta intervenção arqueológica permitiu a compreensão deste espaço, a interligação entre estes e outros dados arqueológicos que tem vindo a ser encontrados em Mértola ao longo deste últimos 30 anos.

3.1. OS MATERIAIS: VIDRO, METAIS E OSSO

Geralmente numa intervenção arqueológica os materiais que se conservam em maior quantidade e em melhor estado são os fragmentos cerâmicos e pétreos. Os materiais não cerâmicos – vidro, metais e ligas metálicas e os materiais orgânicos – são os que, pelas suas características específicas e pela interação com o meio, aparecem em menor quantidade e em avançado

estado de degradação o que impede, na maioria das vezes, a sua leitura em termos técnicos, tipológicos e cronológicos.

Neste caso, em termos da sua conservação, os objetos metálicos e vítreos apresentam-se em mau estado, não só ao nível da degradação da matéria constituinte mas também do estado de fragmentação o

que, na maioria das vezes inviabiliza a sua identificação em termos formais e funcionais. De uma forma geral, entre os materiais passíveis de identificação, as tipologias de materiais estão relacionadas com atividades artesanais realizadas no interior das habitações e com o adorno pessoal.

De salientar a especificidade dos objetos de osso já que a sua análise nos leva a perspetivar a existência de oficinas familiares ligadas ao fabrico de adornos e utensílios (fig. 13). Entre estes objetos destacam-se cabos de osso decorados (fig. 14 e 15) ou rudimentares e simples (fig. 16), fragmentos de cabos de osso pertencentes a facas ou a outra tipologia de instrumentos com lâminas de ferro (fig. 17 e 18). Relacionados ainda com atividades artesanais, provavelmente ligados à decoração de objetos cerâmicos, foram recolhidos alguns estiletes e teques de osso (fig. 19).

Foram também exumadas um grande número de placas de osso, rectangulares, com recorte e tamanho diverso, com decoração incisa e vestígios de pintura a negro, geralmente associadas ao revestimento de pequenas caixas de madeira (fig. 20). Relacionado com a evidência do fabrico de objetos desta tipologia neste local, temos alguns exemplares de placas que apresentam vestígios de corte e marcas associadas a diversas fases de execução (fig. 21, 22 e 23). Foram também identificados alguns fragmentos de osso com vestígios de corte que corresponderiam à matéria donde foram executados alguns objetos ou a peças inacabadas (fig. 24 e 25).

Como é comum em habitações desta tipologia e deste período, são também abundantes os objetos relacionados com a tecelagem como cossoiros e

fragmentos de torre de roca decorados com motivos geométricos incisos e pontas de fuso de cobre e bronze (fig. 26, 27 e 28). São também abundantes os objetos de adorno pessoal como contas de vidro, uma conta em ouro, argolas de brincos e pedras de anel de vidro (fig. 29, 30, 31 e 32).

A reforçar a ideia de existência de oficinas neste local temos um molde de xisto, muito semelhante a um outro recolhido na Alcáçova do Castelo de Mértola. Este molde corresponde a um molde único com incisões numa das faces: um círculo com pequena esfera e dois pequenos círculos. Esta poderia constituir uma das faces de um molde de duas madres já que se observam os rasgos onde o metal seria introduzido depois de fundido (fig. 33).

Entre as diversas tipologias de objetos metálicos distingue-se uma peça circular de cobre prateado e dourado com decoração floral executada com a técnica do *niello*. Na parte posterior apresenta uma argola e o arranque de uma outra que serviriam para fixar esta peça que parece tratar-se de um fecho de arqueta ou caixa, uma vez que o orifício central apresenta desgaste devido ao uso (fig. 34 e 35).

Ainda do período islâmico temos uma grande diversidade de fragmentos de vidro, na generalidade em mau estado de conservação e muito fragmentados. Dos fragmentos melhor conservados destacam-se alguns com decoração em relevo ou nervurada, executados a sopro dentro de molde, de tonalidades amarelo-esverdeado ou acastanhado e bordeaux (fig. 36, 37, 38 e 39) o que, tendo em conta o que se conhece dos vidros de Mértola os situa, em termos cronológicos, no século XI/1ª metade do século XII.

4. NÍVEIS ROMANO-REPUBLICANOS E IDADE DO FERRO

Sob estes níveis do período Islâmico encontraram-se vários níveis Tardo-Romanos, estratos do período Romano–Republicano e da Idade do Ferro. Destaca-se um troço de muralha de Época Romana Republicana (século II a.C.), assim como o seu torreão de grande monumentalidade que se encontra em razoável estado de conservação. Trata-se de um aparelho bem consolidado, com pedras alternadas com terra e por vezes argila, em que as pedras foram talhadas de forma retangular, formando um aparelho compacto, uniforme e resistente.

Os trabalhos desenvolvidos no verão de 2005 e

2006 trouxeram à luz do dia um importante troço de muralha dos inícios do período romano, tornando-se necessário proceder à sua musealização, integrando-a no novo edifício da Biblioteca (fig. 40 e 41). Durante esta última campanha foi posto a descoberto um outro troço de muralha, esta datada provisoriamente da Idade do Ferro (fig. 42 e 43). Este troço de muralha encontra-se sob os níveis romanos - Republicanos - e está associada a estratos bem selados, com muitos materiais pré-romanos, entre os quais se encontram relevantes importações de diversos pontos do Mediterrâneo. Muitos fragmentos de ânforas (púnicas, gaditanas, cartaginesas

entre outras), cerâmicas ibéricas de tradição indígena, e inúmeros fragmentos de cerâmicas áticas, o que atesta o papel relevante desta cidade no comércio com o Mediterrâneo Oriental. Este novo troço de muralha da Idade do Ferro, tem orientação este-oeste, cerca de dois metros de largura, e é construído com pequenas e médias pedras de xisto (mais ou menos quadrangulares

nas faces), formando fiadas regulares com argamassa de barro. Note-se que, este troço de muralha sofreu transformações, na medida em que sobre ela assenta a muralha do século II a.C. (zona oeste) e na zona sul foi destruída para assentar os alicerces das construções do período islâmico. Finalmente, sobre o seu troço mais a leste assenta a muralha Medieval da Vila.

4.1. OS MATERIAIS: VIDRO, OSSO E METAIS

Relativamente ao período romano e a períodos anteriores os materiais vítreos e metálicos exumados são em muito menor quantidade e apresentam um mau estado de conservação que se reflete não só na degradação da matéria constituinte mas, também, no estado de fragmentação o que, na maioria das vezes inviabiliza a sua identificação em termos formais e funcionais. Dos objetos passíveis de ser identificados destacamos três numismas: uma moeda cunhada em Mértola e datada do século I a.C. (fig. 44 e 45), um denário republicano do século II-III a.C. (fig. 46 e 47) e outra moeda datada do século IV d.C. (fig. 48).

Entre os materiais metálicos sobressaem duas fibulas, uma de cobre e outra de bronze (fig. 49), uma lígula (fig. 50) e dois objetos de adorno de cobre (fig.

51). A atestar a ligação dos habitantes de Mértola ao rio Guadiana desde tempos imemoriais, tanto através de atividades ligadas ao comércio como de outras relacionadas com a economia local e com a subsistência das famílias, temos um anzol de bronze onde ainda se pode ver o negativo do fio que estava enrolado no olhal (fig. 52).

Entre os materiais recolhidos encontramos alguns exemplares de pregos de bronze, de diversos tamanhos e tipologias (fig. 53) e uma ponta de lança de ferro, de folha triangular com arranque de haste de fixação (fig. 54 e 55). De referir também um fragmento de *simpula* - coador de vinho de bronze (fig. 56 e 57), que faz também a ligação com o consumo desta bebida no período romano e Mértola como região produtora de vinhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intervenção arqueológica na Biblioteca Municipal contribuiu para um melhor conhecimento da Mértola pré-romana, romana e islâmica, aumentando os dados relativos ao contato desta Vila com as rotas comerciais do Mediterrâneo e com a sua ligação com as rotas terrestres internas.

Nesta zona da Vila, dentro do recinto amuralhado da Idade Média, nunca se tinham encontrado níveis estratigráficos fiáveis de época romana-republicana e da Idade do Ferro, o que realça a importância da descoberta destas estruturas numa das principais zonas de entrada

no núcleo urbano da cidade.

De realçar também, a importância dos materiais recolhidos em níveis islâmicos que atestam a importância das pequenas oficinas familiares e a importância que tinha as atividades realizadas no seio da família. A existência de pequena forjas e de instrumentos ligados ao trabalho dos metais e da olaria atesta a existência de produção local tanto ao nível dos objetos cerâmicos como da ourivesaria e da execução de adornos de osso trabalhado.

BIBLIOGRAFIA

- FABIÃO, Carlos (1999); “A propósito do depósito de moldes, Castelo de Neiva, Viana do castelo: a baixela romana tardo-republicana em bronze no extremo ocidente peninsular”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Volume 2, número 1, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 163-198.
- PALMA, M^a de Fátima; GÓMEZ, Susana (2008); “Intervenção Arqueológica na Biblioteca Municipal de Mértola – Notícia Preliminar”, in *Actas do III Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, Vipasca, nº2, 2.ªsérie, Aljustrel, pp. 531- 535.
- PALMA, M^a de Fátima; GÓMEZ, Susana (co-autoras) (2008), “Mértola Arqueológica – 2003-2008”, Mértola: Câmara Municipal de Mértola.
- RAFAEL, Lígia, “Os materiais não cerâmicos do período islâmico” in, *Museu de Mértola - Arte Islâmica*, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, pp. 71-80.
- RAFAEL, Lígia; PALMA, M^a de Fátima (2010), “Os vidros islâmicos de Mértola (séculos XI-XIII): técnicas decorativas”, in *Arqueologia medieval 11*, Porto: Ed. Afrontamento, pp. 69.77.
- RAFAEL, Lígia; TORRES, Cláudio; GÓMEZ, Susana (2008), “Os objectos do quotidiano no bairro almóada da Alcáçova de Mértola, in *Alcáçova do Castelo de Mértola – Trinta anos de arqueologia – 1978-2008*, Mértola: Câmara Municipal de Mértola, pp. 49-65.
- TORRES, Cláudio (1999)- El Garb al-Andalus : poblamiento y formas de habitar In: *Castrum 5* / ed. André Bazzana. - Madrid: Casa de Velázquez. pg. 291.

Agradecimentos:

Agradecemos a colaboração de Rute Fortuna (fotografia e conservação e restauro), Nélia Romba (desenho) e ao Professor Carlos Fabião pelo esclarecimento de algumas dúvidas relativas a tipologias de objetos.

FIGURAS

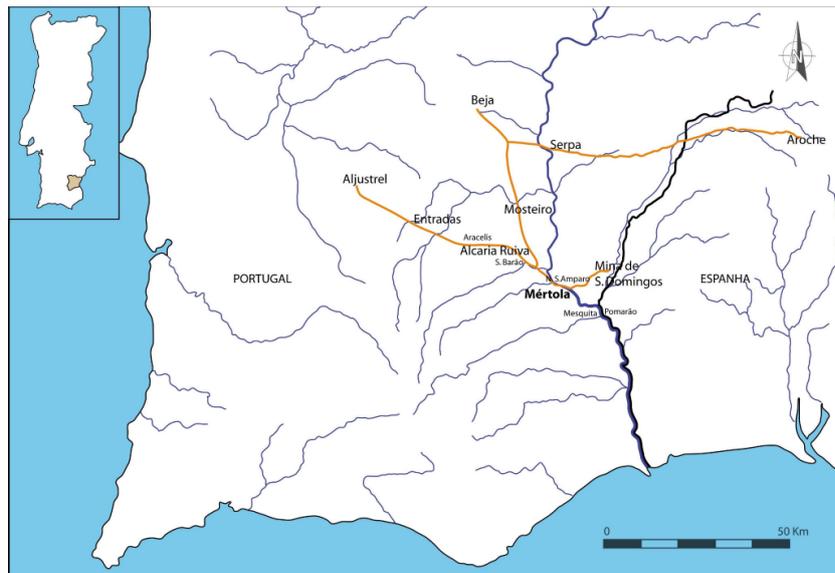


Fig. 1. Localização de Mértola.



Fig. 2 e 3. Localização da área de escavação da Biblioteca Municipal de Mértola.



Fig. 4. Intervenção arqueológica na área de ampliação da Biblioteca Municipal.

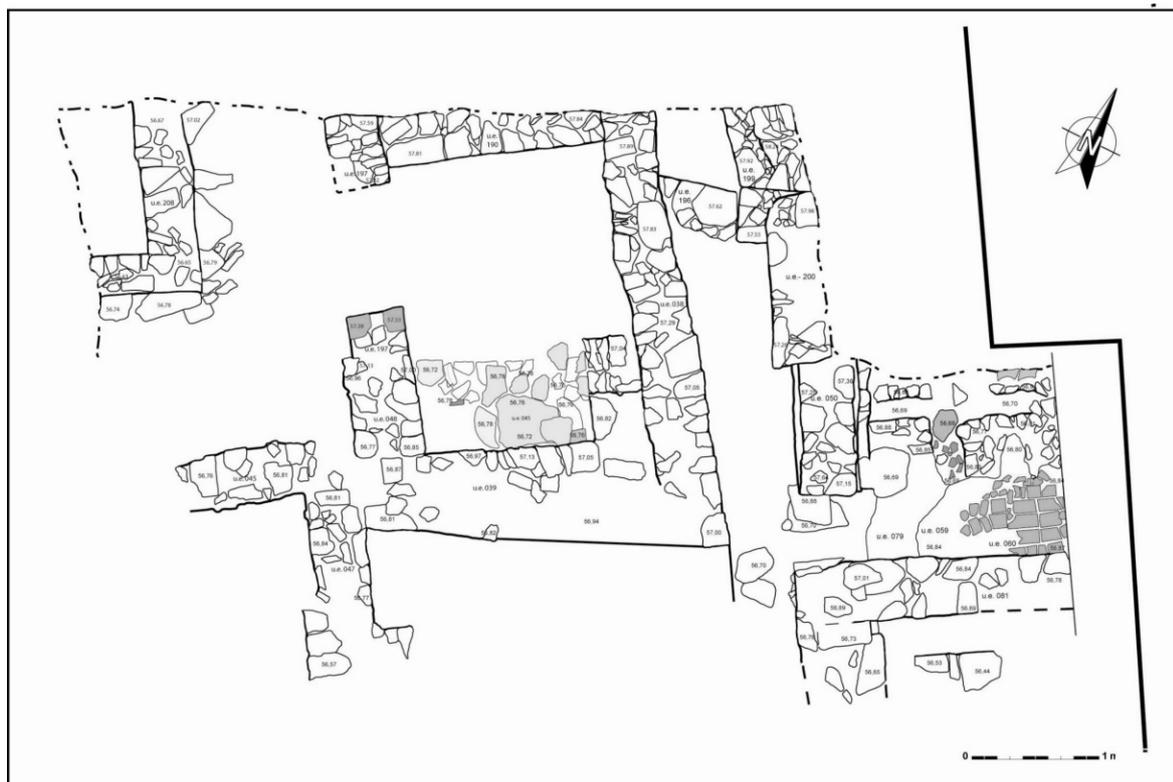


Fig. 5 e 6. Espaço de trabalho/oficina localizado no patamar superior (período islâmico).



Fig. 7. Pequena forja com depósito de cinzas e escórias.



Fig. 8. Exemplar de fragmento de escória retirado da forja.



Fig. 9. "Esponjeiro" – local de derregar a cal e fazer argamassa a partir desta.



Fig. 10. Patamar inferior.

**VIDROS, OSSOS E METAIS DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NA
BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MÉRTOA (PORTUGAL)**



Fig. 13. Ganchos de cabelo de osso (OS/DV4/97 e OS/DV4/98).



Fig. 14. Cabo de osso decorado com incisões e rematado por cintas de ferro; provavelmente pertencente a um instrumento com lâmina de ferro (OS/DV4/100); século XI/1ª metade século XII; comp. 119 mm e Ø max. 18 mm.



Fig. 15. Fragmento de cabo de osso com um orifício circular numa das extremidades que serviria para fixar outro elemento. A decoração apresenta registos de bandas paralelas por incisão ténue e preenchidas por ponteados; observam-se também incisões oblíquas que parecem apontar para que estas correspondam aos limites de zonas pintadas (OS/DV4/110); século XI/1ª metade século XII; comp. 65 mm.



Fig. 16. Cabos de osso de estrutura cilíndrica e perfurados numa das extremidades onde se fixaria um elemento de ferro (OS/CF1/16 e OS/CF1/18); século XI/1ª metade século XII.

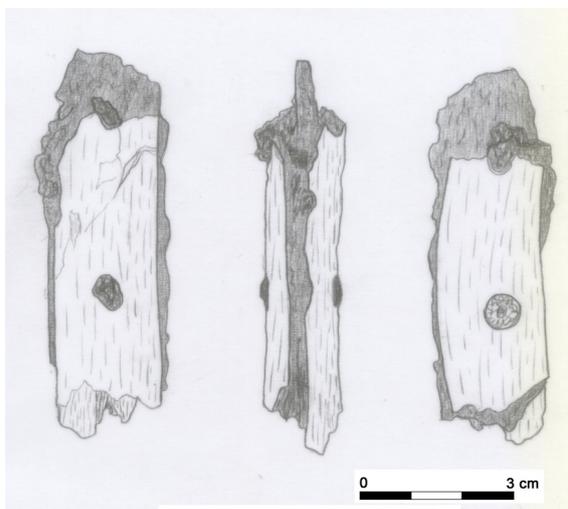


Fig. 17 e 18. Fragmento de cabo de osso pertencente a uma faca ou outro instrumento com lâmina de ferro.



Fig. 19. Conjunto de instrumentos de osso – estiletes e teques (OS/DV4/93, OS/DV4/94 e OS/DV4/95).



Fig. 20. Conjunto de exemplares de placas de osso com decoração incisa e vestígios de pintura a negro.



Fig. 21. Placa de osso com vestígio de corte longitudinal e vestígios de pintura a negro (OS/PL6/215); século XI/1ª metade século XII; larg. 14 mm e comp. 112 mm.



Fig. 22. Placa de osso rectangular com uma incisão mais profunda ao centro; observam-se algumas incisões ténues e vestígios de pintura a negro (OS/PL6/221); século XI/1ª metade século XII, larg. 15 mm e comp. 65 mm.



Fig. 23. Placas de osso com vestígios de cortes verticais (OS/PL6/230 e OS/PL6/231).



Fig. 24. Fragmento de osso cilíndrico com vestígios de corte e alisamento da superfície (OS/DV4/106); século XI/1ª metade século XII; Ø max. 26 mm.

**VIDROS, OSSOS E METAIS DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NA
BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MÉRTOA (PORTUGAL)**



Fig. 25. Fragmento de osso cilíndrico com vestígios de corte e alisamento e com furo orifício central circular (OS/DV4/108); século XI/1ª metade século XII, Ø max. 32 mm



Fig. 26. Conjunto de cossioiros de osso, circulares, com face frontal arredondada e face posterior plana, com furo central circular (OS/CS4/184, OS/CS4/193, OS/CS4/200 e OS/CS4/201).



Fig. 27. Fragmento de torre de roca decorada com traços incisos e círculos com furo central (OS/TR4/69); 1ª metade século XII; alt. 49 mm e larg. 18 mm.



Fig. 28. Conjunto de pontas de fuso (BR/PF 8/220, BR/PF8/221, BR/PF8/224 e BR/PF8/229).



Fig. 29. Conjunto de contas de vidro de diversos tamanhos e formas (VD/CT2/96, VD/CT2/102, VD/CT2/103, VD/CT2/104, VD/CT2/106, VD/CT2/114 e VD/CT2/116).



Fig. 30. Conta de ouro de forma esférica com furo central circular (AU/DV1/30); Ø max. 4 mm.



Fig. 31 e 32. Argola de brinco de prata formada por aro circular com umas das extremidades pontiaguda e outra que termina com um fecho circular (BR/BC3/142); Ø 24 mm.



Fig. 33. Molde de xisto (XT/DV2/11) – dimensões comp. 75 mm e larg. 51 mm.

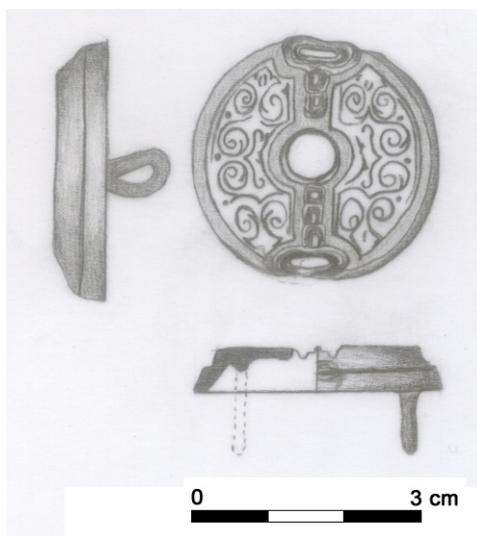


Fig. 34 e 35. Peça circular de cobre prateado e dourado com decoração flora executada com a técnica do *niello* (BR/AA3/77); século IX/X – Ø 33 mm.

Fig. 36. Fragmento de gargalo de vidro amarelo-esverdeado, cilíndrico com bordo reto, arredondado na extremidade; executado a sopro dentro de molde fechado e com decoração em relevo – linhas que formam pequenas espirais organizadas linearmente em redor do gargalo (VD/DV9/144); século XI/1ª metade século XII; alt. 27 mm e Ø 3 mm.



Fig. 37. Fragmento de fundo de vidro amarelo-acastanhado, com arranque de parede e decoração em forma de “lágrimas” que iniciam mesmo no arredondado do fundo e vão alargando à medida que o diâmetro do bojo aumenta (VD/DV9/147); século XI; larg. 52 mm e alt. 27 mm.

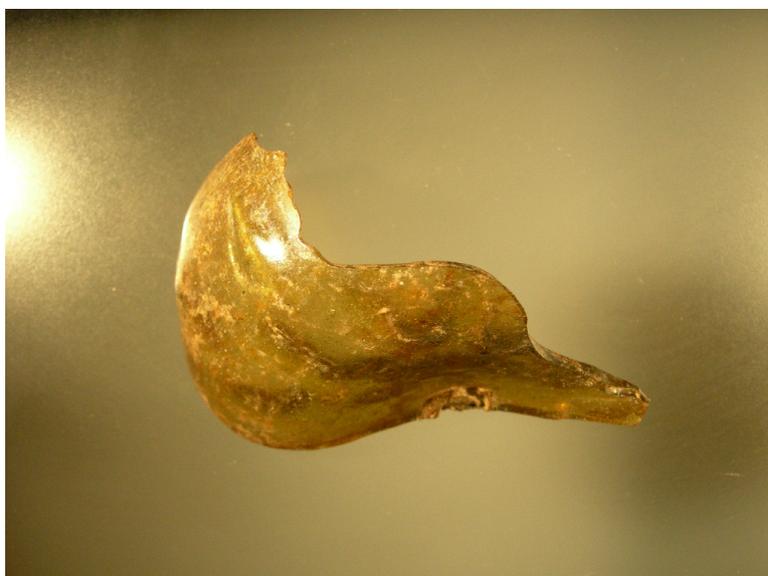


Fig. 38. Gargalo de vidro.



Fig. 39. Fragmento de fundo e de bordo pertencente ao mesmo objeto – pequeno frasco - mas sem união entre os fragmentos; tratar-se-ia de um pequeno frasco globular com fundo esférico com marca de pontel em que um estreitamento conduz a uma abertura piramidal e a bordo reto, arredondado na extremidade (VD/DV9/146); século XI; alt. total 57 mm.

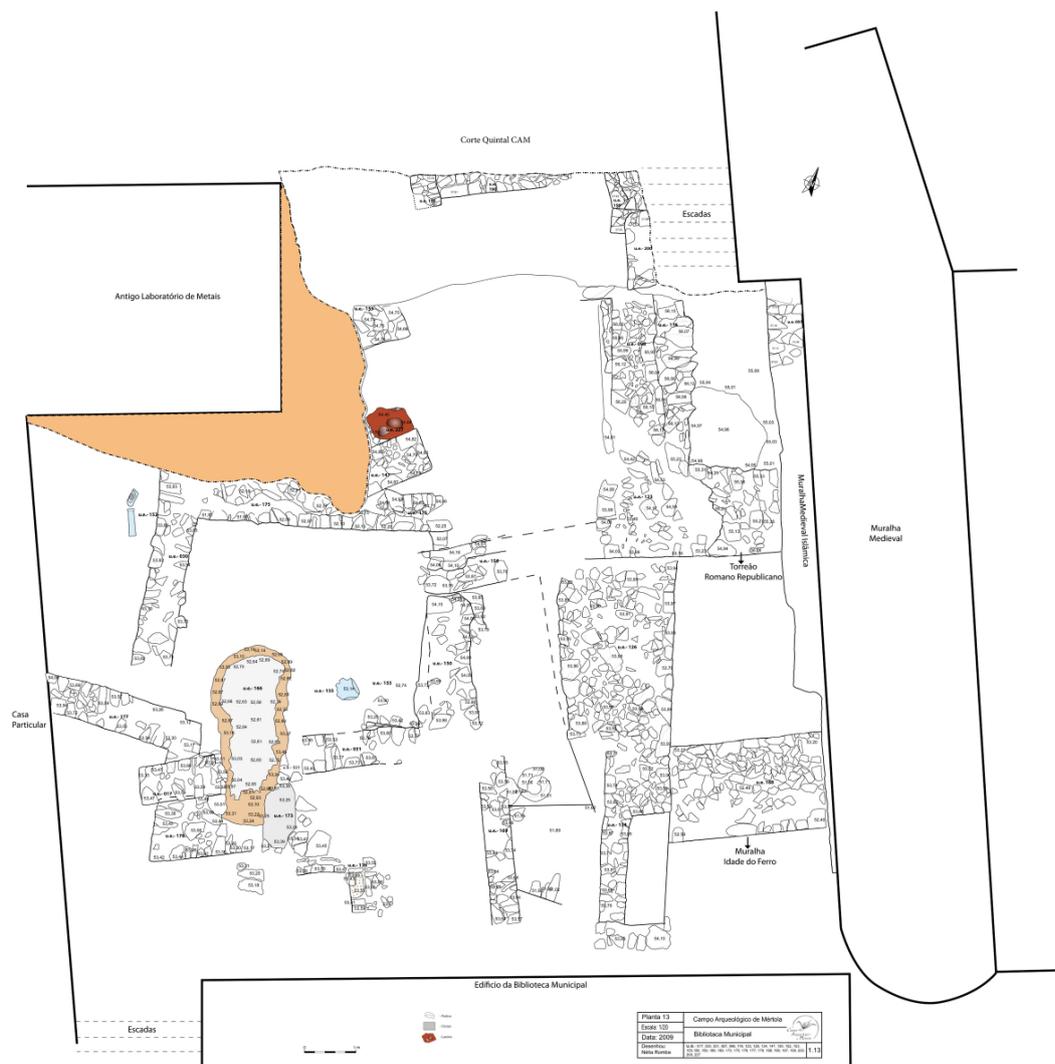


Fig. 40 e 41. Muralha romana – Republicana.



Fig. 42 e 43 – Muralha da Idade do Ferro.



Fig. 44 e 45. Moeda cunhada em Mértola (MO/RO2/90) – século I a.C.



Fig. 46 e 47. Denário republicano que apresenta no anverso cabeça de Roma à direita e no reverso apresenta quadriga conduzida à direita e com a palavra [ROMA]; a moeda foi cunhada em Roma e data do século II-III a.C. (BR/MO3/121); Ø 20 mm.

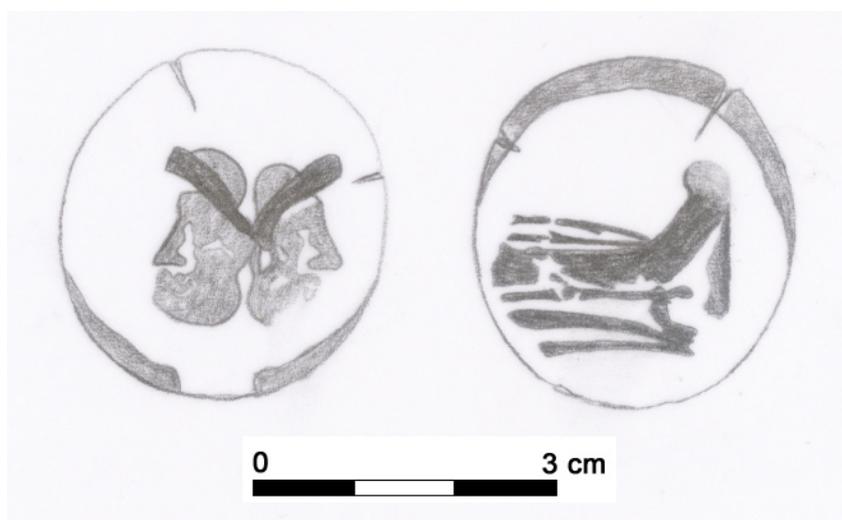


Fig. 48. Moeda romana datada do século IV d.C. (MO/RO3/116); Ø 39 mm.



Fig. 49. Conjunto de fíbulas de cobre e bronze



Fig. 50. Lígula de bronze de forma cilíndrica com extremidade espatulada (BR/ES2/41); comp. 66,92 mm.



Fig. 51. Conjunto de objectos de adorno, da esquerda para a direita, objecto de adorno de cobre, de forma foliforme com vestígios de fragmentos de osso na parte posterior (BR/AA3/74) – comp. 17 mm e largura 6,5 mm; e, placa rectangular de bronze recortada com uma das extremidades mais larga (BR/AA3/73), datada do século I a.C./I d.C. – comp. 13, 37 mm e larg. 8,93 mm.



Fig. 52. Anzol de bronze que apresenta uma das extremidades de espessura diferente; na extremidade superior (haste) apresenta uma parte mais saliente (olhal) onde se pode observar o negativo do fio que lá estava "empatado"; a extremidade oposta apresenta uma forma de arpão (farpela ou morte) com duas extremidades pontiagudas (BR/AZ1/3).



Fig. 53. Conjunto de pregos de bronze de formas diversas.



Fig. 54 e 55. Ponta de lança de ferro com folha triangular e arranque de haste (FE/PL); comp. 137 mm.

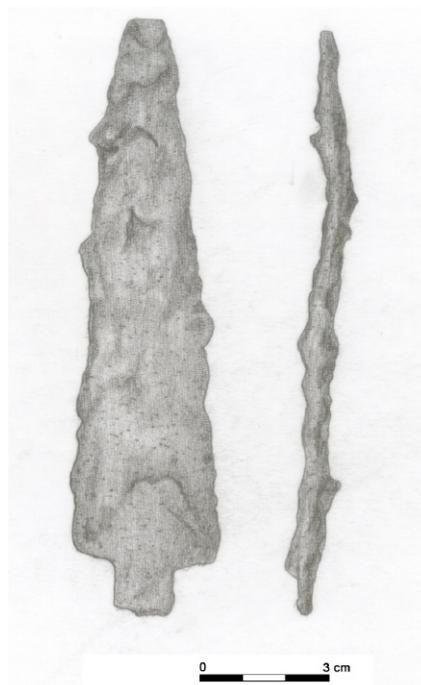


Fig. 56 e 57. Fragmento de *simpula* (coador de vinho) de cobre (BR/DV3/90); alt. max. 49 mm e larg. max. 56 mm.